

*COMBATE, PROXIMIDADE,
MISSÃO*



EDITADO POR 

FONTE DOS TEXTOS E IMAGENS

opusdei.org/pt-pt

IMAGEM DA CAPA

[o-combate-espiritual](#)

SUMARIO

1. Escolhe a Vida
2. O caminho faz-se caminhando
3. Tudo é nosso e tudo é de Deus
4. «Não ofendais o Espírito Santo»: A tibieza
5. «Não te deixarei partir, enquanto não me abençoares»: a oração contemplativa

Combate, proximidade, missão (1): «Escolhe a...



1 - ESCOLHE A VIDA

Primeiro capítulo de uma nova série sobre o caminho para a santidade, uma aventura em que se trata não só de «se dar», mas, sobretudo, de «acolher».

Como um príncipe. Assim se sentia aquele rapaz, apesar dos seus poucos anos e da sua roupa modesta e gasta, quando ao entrar na igreja se via envolvido pela música vibrante do órgão. «Tinha a impressão de que nos cumprimentava a mim e aos meus pequenos companheiros como se fôssemos príncipes», diria muitos anos mais tarde, recordando a sua infância em Canale d'Agordo, uma aldeia minúscula no nordeste de Itália. Nessa experiência infantil, Albino Luciani situava o início de «uma vaga intuição, que depois se converteria numa convicta certeza»: a Igreja católica «não é só algo grande, mas também torna grandes os pequenos»^[1].

Escolhe a Vida

Estas palavras do Beato João Paulo I evocam naturalmente as de Santa Maria no *Magnificat*. Precisamente a palavra que abre o cântico da nossa Mãe significa tornar grande, cantar as grandezas de alguém. Maria enaltece Deus porque Ele torna grandes os pequenos. «Mostrou a força do seu braço e dispersou os soberbos no pensamento dos seus corações; derrubou os poderosos dos tronos, e exaltou os humildes; aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu sem nada» (Lc 1, 51-53).

Juntamente com este cântico de Maria, São Lucas transmitiu-nos também uma expansão do coração do Senhor que, de certo modo, poderíamos chamar o *Magnificat* de Jesus. Como a sua Mãe em Ain Karem, quando o levava no seu ventre, Jesus enche-se agora de «alegria no Espírito Santo», ao ver como Deus se voltou para os pequeninos: «Louvo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai; ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho quiser revelar» (Lc 10, 21-22).

Mas, que foi dado descobrir aos pequeninos? Começando por Maria e José, e continuando pelos apóstolos e as mulheres que acompanhavam o Senhor, até tantos cristãos ao longo de vinte séculos, em que é que consiste essa revelação aos humildes? Que é que os torna grandes? Uma passagem do Deuteronómio pode guiar-nos para uma primeira resposta. O Senhor fala ao coração do seu povo, num tom simultaneamente solene e terno: «Repara que coloco hoje diante de ti a vida e o bem, a morte e o mal (...). Tomo hoje por testemunhas contra vós o céu e a terra; ponho diante de vós a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe a vida para viveres, tu e a tua descendência, amando o Senhor, teu Deus, escutando a sua voz e apegando-te a Ele, porque Ele é a tua vida e prolongará os teus dias para habitares na terra, que o Senhor jurou que havia de dar a teus pais, Abraão, Isaac e Jacob» (Dt 30, 15.19-20).

O facto de estas palavras alternarem o «vós» e o «tu» parece querer mostrar-nos que o Senhor não fala simplesmente ao seu povo, em geral: está a falar a cada um e a cada uma, porque a escolha pela Vida decide-se no coração de cada uma das suas criaturas. «A Vida»: assim, com maiúscula, costumava escrever São Josemaria, quando se referia à graça e à glória; à Vida com Deus, aqui na terra, e depois no céu. Comove reler estas suas palavras do mês de junho de 1975, poucos dias antes de ir para o céu: «Todos somos a própria Vida de Cristo: e há tanto que fazer no mundo! Vamos pedir ao Senhor, sempre, que nos ajude a todos a ser fiéis, a continuar o trabalho, a viver essa Vida, com maiúscula, que é a única que merece a pena: a outra não vale a pena, a outra escorre, como a água entre as mãos, escapa-se. Pelo contrário, esta outra Vida!»^[2].

«Escolhe a vida». Com essas palavras fortes do Deuteronómio, e os seus mil ecos no evangelho^[3], o Senhor está a dizer a cada um: olha que eu te criei para que vivas, para que sejas feliz... Vais escolher-me, vais escolher a Vida? Isso foi o que descobriram e escolheram os «pequeninos»: sabem que toda a ânsia infinita de viver que levam dentro de si tem a sua fonte e o seu destino em Deus. E não querem outra coisa. Entenderam que triunfar na vida, *realizar-se* na vida, é deixar que o amor de Deus os inunde, e distribuí-lo a mãos-cheias. De Maria, a irmã de Marta, dirá o Senhor que «escolheu a parte boa», e que «não lhe será tirada» (Lc 10, 42). E aos seus discípulos reconfortará nesse mesmo sentido: «Não tenhas medo, pequenino

rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino» (Lc 12, 32). Os «pequeninos» vivem de Deus; é o que os torna grandes. E isso é a santidade: viver de Deus; e, a partir de Deus, para os outros.

Santidade é dar-se, mas é ainda mais «acolher»

Ao considerar a vida dos santos, os «pequeninos» que escolheram a Vida, não é estranho que nos seja apresentado com frequência em primeiro lugar o que a sua santidade implicou de renúncia, de luta, de «diminuição». É claro: o santo opõe-se necessariamente a muitas forças adversas. Jesus preparou-nos o caminho e adiantou-nos que isso sucederia: «No mundo tereis tribulações» (Jo 16, 33); «Se me perseguiram a mim, também vós perseguirão» (Jo 15, 20); «Satanás vos reclamou para vos joeirar como o trigo» (Lc 22, 31). Não resta, em suma, margem para uma visão fácil da vida cristã; embora também não seja fácil qualquer outra forma de vida na terra: afinal, é sempre necessário o sacrifício, a renúncia, a luta por diversos fins, mais ou menos elevados.

«Entanto pelejamos – uma peleja que durará até à morte –, não excludas a possibilidade de que se levantem, violentos, os inimigos de fora e de dentro»^[4]. E é que o amor a Deus encontra diferentes formas de resistência também em nós, porque implica «perder coisas»: uma pessoa renuncia a ter o controlo de tudo na sua vida, ou a satisfazer todos os seus desejos; expõe-se a perder talvez a aprovação de algumas pessoas, a tomar a sua cruz... «Quando nos abandonamos nas mãos de Deus, é frequente que Ele permita que saboreemos a dor, a solidão, as contradições, as calúnias, as difamações, os escárnios»^[5]. Perde certamente muitas coisas daquilo que o mundo chama «vida». No entanto, quem perde *assim* a sua vida não a perde no vazio, mas em Deus. «Aquele que quiser salvar a sua vida há de perdê-la, mas aquele que perder a sua vida por causa de mim há de encontrá-la» (Mt 16, 25). O santo «perde-se» em Deus, e assim, precisamente, começa a «encontrar-se».

E que significa «encontrar-se» em Deus? Escreve São João na sua primeira carta: «É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou» (1Jo 4, 10). A frase grega está escrita num tempo verbal particular, o aoristo, que é uma espécie de

«passado aberto». É o mesmo tempo que domina tanto o *Magnificat* de Maria como o de Jesus. O que se designa em todos estes casos são «ações que o Senhor realiza de modo permanente na história»^[6], na história de cada um e de cada uma. De modo que São João não está a dizer que Deus me amou uma vez para sempre, mas que Deus *me está a amar sempre*. E que cada vez que eu amo realmente, é Deus quem me está a amar, e quem está a amar *em mim*. Aqui e agora.

Assim, é verdade que o santo se entrega, que «perde a sua vida», mas é ainda mais verdade – no sentido de que é uma verdade que abraça e fundamenta a anterior – que o santo «se encontra» em Deus, e «é acolhido» todo ele por Deus, analogamente a como Jesus é recebido inteiramente do Pai^[7]. Essa é a fonte secreta do amor dos santos; isso é o que lhes permite viver de um modo que pode parecer impossível ou insuportável a um olhar meramente humano. Desse modo, mesmo sentindo diariamente todos os seus limites e debilidades, avançam com a alma «metida em Deus, endeusada»; neles «formou-se o cristão viajante sedento, que abre a boca às águas da fonte»^[8].

Aos seus discípulos, que o olham perplexos, diz-lhes Jesus: «Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis» (Jo 4, 32). Ele vive de fazer a vontade do seu Pai: essa é a sua vida, essa é a sua glória; não necessita de mais nada (cf. Jo 4, 33-34). Só uns instantes antes, tinha estado a dizer à samaritana, junto ao poço: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: “Dá-me de beber”, tu é que lhe pedirias, e Ele dar-te-ia água-viva» (Jo 4, 10). O Senhor di-lo ao ouvido de cada um. Se conhecesses o dom de Deus, se te desses conta do que te quero dar, não seria eu quem te pediria uma gota de água; não seria eu quem pediria o teu tempo, a tua força, a tua paciência, a tua luta... Serias tu quem me pediria: Senhor, que necessitas? Já não medirias nem calcularias aquilo que dás a Deus, porque te darias conta de que é Ele quem se entrega a ti cada vez que tu lhe dás algo, ainda que seja uma pequena moeda, ainda que seja um copo de água... Cada vez é «todo um Deus»^[9] que se entrega a ti.

Entende-se talvez melhor agora porque é que, ao pensar na santidade, falamos *também* de entrega, de renúncia: é porque existe uma resistência em nós. O mundo está ferido, as relações estão feridas, porque os corações

assim o estão... Mas esta resistência, apesar de ser real, tende a perder força na medida em que estamos unidos a Deus. O esforço por dar-se uma e outra vez não desaparece, mas funde-se com o dom que nós próprios nos sabemos, com o amor infinito que nos abraça. Os homens e as mulheres de Deus vivem num «misto paradoxal de beatitude e dor»^[10], como Jesus na Cruz; sentem com uma certeza profunda que estão a receber mais do que dão: a sua alma «sente-se e sabe-se também olhada amorosamente por Deus, a toda a hora»^[11]. Como Santa Maria, sabem que Deus está a fazer grandes coisas neles (cf. Lc 1, 49); que neles está a amar aquele que ama sempre primeiro, aquele que é a fonte do seu amor.

A santidade consiste por isso em última instância em entrar e permanecer nessa «corrente trinitária de amor»^[12] que tem a sua origem no Pai, e que chega a nós através de Jesus, o *predileto*, o primeiro amado: «Assim como o Pai me amou, também Eu vos amei. Permaneci no meu amor» (Jo 15, 9). E esse amor do Pai e de Jesus no qual queremos permanecer é o Espírito Santo: por isso chamamo-lo santificador^[13] e dador de vida^[14]. «E os santos de Deus? Oh, cada um dos santos é uma obra-prima da graça do Espírito Santo!»^[15].

Combate, proximidade, missão

Com estos poucos compassos ficam traçados os ritmos principais da série que agora começa. Os capítulos que a compõem oferecem diferentes perspectivas acerca desse caminho para a santidade no qual Deus nos quer a todos, cada um à sua maneira: «pela direita, pela esquerda, em ziguezague, a pé, a cavalo»^[16]... Os eixos da série resumem-se em três palavras, que definem também as linhas mestras do Pai nosso: combate, proximidade, missão. Apesar dos três fundamentos atravessarem a série do início ao fim, porque estão sempre presentes no caminho para Deus, faz sentido deter-se uns instantes no porquê desta ordem; sobretudo se temos em conta que, neste caminho, o fundamental é o amor que Ele nos tem.

Não parece necessário insistir como é ingénuo pensar que seja possível viver de Deus sem encontrar resistência, em nós e fora de nós. Apesar de este não ser o motor secreto do caminho para a santidade, nem muitas vezes

o seu ponto de partida, a luta não tarda em apresentar-se: «Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a provação. Endireita o teu coração e sê constante, não te perturbes no tempo do infortúnio» (Sir 2, 1-2). A provação, a tentação, o combate... são inevitáveis num mundo ferido pelo pecado. «O reino dos Céus sofre de violência, e os violentos apoderam-se dele» (Mt 11, 12). Começar a reflexão desta perspectiva permite ir ao encontro de uma visão demasiado cândida e bondosa do caminho para o céu. No entanto, seria também ingénuo e superficial pensar que a santidade consista sobretudo nessa luta. A santidade consiste em viver de Deus, em deixar que Ele viva em mim (cf. Gl 2, 20).

«Deus está junto de nós continuamente (...). E está como um pai amoroso – quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos –, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdando»^[17]. Esta proximidade, pela qual nos sabemos escutados na oração e em todo o momento, é manifestada por Deus também através dos nossos irmãos na fé: a amizade, o acompanhamento espiritual, os sacramentos... Um cristão sabe-se sempre acompanhado de perto, por Deus e pelos seus irmãos; sabe-se sempre em casa. E é isso que por sua vez o aproxima dos outros, para lhes dar também esse calor de lar que ele recebe continuamente. Assim o viveu, como tantos outros, a Beata Guadalupe: «A certeza que tinha da proximidade de Deus, do seu amor por ela, enchia-a de simplicidade e serenidade e fazia-a não ter medo dos seus erros e dos seus defeitos, e ir sempre para a frente procurando querer em tudo a Deus e aos outros»^[18].

O caminho para a santidade não é, portanto, um caminho solitário, nem tão pouco um projeto de salvação individualista. Tudo na vida de um cristão tem a ver com relação, família. O Senhor, os nossos irmãos, os nossos filhos, os nossos pais, os nossos amigos, os nossos colegas... são a razão de ser dos nossos esforços, das nossas vitórias. Se não fosse por eles talvez deixássemos de lutar, talvez nos renderíamos... Mas sabemos que, tal como podemos contar com o seu apoio, eles contam connosco; em suma, que precisam de nós: «Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por essa

missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar»^[19]. Assim viveram os santos: de Deus e para Deus; dos outros e para os outros.

* * *

Quando São Josemaria pensava no destino da nossa viagem, imaginava o momento em que «toda a Grandeza de Deus, toda a Sabedoria de Deus e toda a Formosura de Deus, toda a vibração, toda a cor, toda a harmonia!» seriam derramados sobre esse «vaso de barro que somos cada um de nós»^[20]. E punha-se de lado, imaginando os seus filhos ainda mais acima: «Tenho uma grande fraqueza: que vos amo muito. Penso que o meu Céu vai consistir em esgueirar-me por uma pequena porta e pôr-me num canto, olhando e amando a Trindade Beatíssima. E desse lugar, escondido, ver no paraíso as minhas filhas e os meus filhos lá no alto, muito próximos de Deus»^[21].

Carlos Ayxelà

NOTAS

[1] Albino Luciani (Beato João Paulo I), «*In occasione del restauro dell'organo della chiesa di Canale d'Agordo*», em *Opera Omnia*, Vol. 9, EMP, Pádua 1989, p. 457.

[2] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 07/06/1975, citado em Salvador Bernal, *Monseñor Josemaría Escrivá de Balaguer. Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*; Rialp, Madrid 1980, 6ª ed., p. 174. Cf. também p. ex. *Caminho*, n. 218, 255, 399, 737; *Sulco*, n. 817; *Forja*, n. 777, 818.

[3] Trata-se em particular de um dos fios condutores do Evangelho de São João. Cf. p. ex. os diálogos com a Samaritana (Jo 4, 10-14) e com Marta (Jo 11, 25-27); cf. também Jo 5, 39-40; 7, 37-39; 10, 10.

[4] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 214.

[5] *Ibid.*, n. 301.

[6] Bento XVI, Audiência, 15/02/2006.

[7] cf. Lc 10, 22; Jo 5, 26; 17, 24; Sl 2, 7.

[8] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 310.

[9] *Idib.*, n. 111.

[10] São João Paulo II, *Novo millennio ineunte*, n. 27.

[11] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 307.

[12] *Ibid.*, *Cristo que passa*, n. 85.

[13] cf. *Catecismo da Igreja católica*, n. 739.

[14] cf. *Missal Romano*, Credo Niceno-Constantinopolitano; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 202.

[15] São João XXIII, Discurso, 05/06/1960.

[16] São Josemaria, citado em A. Sastre, *Tempo de caminhar*, Diel, Lisboa 1994, p. 252.

[17] *Ibid. Caminho*, n. 267.

[18] Fernando Ocáriz, «*Guadalupe: un camino al cielo en la vida cotidiana*», *ABC*, 13/05/2019.

[19] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 273.

[20] São Josemaria, notas de uma reunião familiar, 20/10/1968, citado em Ana Sastre, *Tempo de caminhar*, p. 631.

[21] *Ibid.*, 05/04/1970, citado em *ibid.*

Combate, proximidade, missão (2): «O caminho faz-...



2 - O CAMINHO FAZ-SE CAMINHANDO

Para um cristão, o céu está sempre ao virar da esquina: a vida é, simultaneamente, viagem e destino.

«A vida é uma viagem, não um destino»: assim consta numa das citações mais populares que circulam pela internet^[1]. Basta uma simples pesquisa destas palavras para encontrar uma infinidade de imagens e *posters* para todos os gostos: paisagens idílicas com um caminho ou uma estrada serpenteando, uma menina que balança no seu balanço, composições gráficas com estilo *vintage*... Mas, que significa realmente que a vida é uma viagem e não um destino? Talvez estejamos simplesmente diante de um cliché, uma frase que triunfa porque permite relativizar os próprios erros, ou porque parece dizer que o que interessa é viver e não tanto como se vive ou para quê? Viagem e destino opõem-se, afinal de contas? O destino, concretamente o destino da vida, não está em jogo em cada instante da viagem?

Estas perguntas requerem, evidentemente, uma aproximação serena. Vejamos de entrada como o lema em questão inspira a vida das pessoas comuns. No mundo do *running*, por exemplo, a ideia de privilegiar a viagem sobre o destino tem grande popularidade. Sucede que os corredores, sobretudo os principiantes, começam com objetivos ambiciosos, em termos de distâncias a percorrer, forma física a adquirir ou peso a perder. E não é difícil imaginar que a maioria das vezes não conseguem cumprir essas metas tão facilmente como esperavam. Assim descrevia a sua vivência um corredor:

«Dia após dia fracassava no meu objetivo. Dia após dia tornava-se mais evidente que não era feito para correr. Cada corrida confrontava-me brutalmente com os factos: continuava sem chegar ao nível. No entanto, o que não tinha entendido sobre este desporto era o mesmo que já tinha bem assumido nas minhas viagens: o fundamental é desfrutar do trajeto. [...] Dei-me conta de que cada corrida é um presente. Cada corrida é uma oportunidade de estar onde se quer estar. Com esta revelação, a minha forma de correr mudou. Deixei de negar a alegria que sentia. Deixei de

acumular dias de fracasso. Comecei a viver mais “no momento”, vendo cada corrida como uma oportunidade para apreciar o que tinha diante de mim»^[2].

Este corredor estava a começar a aprender uma lição importante que qualquer um de nós pode aplicar à viagem da vida. Pela fé, sabemos que o nosso destino se joga no decurso de todos os momentos da viagem, porque a vocação cristã é chamada a viver inteiramente de Deus e para Deus, já no nosso caminho pela história, e depois no céu, quando finalmente Ele for «tudo em todos» (1Cor 15, 28). São Josemaria dizia por isso que «a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»^[3].

No entanto, essa união pacífica entre percurso e destino não é fácil de alcançar. Poderia dizer-se que, de facto, é a obra de toda uma vida. E a vida é simultaneamente breve e longa. Como àquele corredor, às vezes pode suceder-nos que, ao lançar o olhar para a meta e depois virar-nos para trás, para onde estamos agora, desanimemos: a visão da distância que nos falta percorrer poderia então até bloquear-nos ou fazer-nos desesperar com a viagem. Mas Jesus preveniu-nos já desta tentação: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema» (Mt 6, 33-34). Quando o Reino de Deus – ou seja, a vocação à santidade – se converte no mais importante, cada passo é uma oportunidade de estar *onde se quer estar e com quem se quer estar*. Deste ponto de vista, o céu está sempre ao virar da esquina: a vida vai sendo, simultaneamente, viagem e destino.

Vamos, por isso, considerar alguns aspetos da nossa viagem para o céu. Em primeiro lugar, a certeza de que não viajamos sozinhos: temos Deus como amigo e companheiro de viagem. Em segundo lugar, a necessidade de evitar o desânimo, aprendendo a dar a volta aos nossos limites e aos nossos pecados. Finalmente, a convicção de que viver no presente é a melhor maneira de encontrar a felicidade nesta terra e também no céu.

Caminha humildemente com o teu Deus

No Antigo Testamento, o breve livro de Miqueias está cheio de profecias de castigo. Através do seu profeta, Deus repreende os samaritanos pela sua idolatria; censura o seu povo pelo culto externo, vazio; e também antecipa, pela primeira vez, a queda de Jerusalém. Mas isso não é tudo: a sua mensagem é também anúncio de esperança e de salvação. A missão de Miqueias não consiste apenas em condenar o mal, mas também em recordar ao povo que Deus está muito próximo: «Já te foi revelado, ó homem, o que é bom, o que o Senhor requer de ti: nada mais do que praticares a justiça, amares a lealdade e andares humildemente diante do teu Deus» (Mq 6, 8).

O Espírito Santo – porque é Quem fala através dos profetas – não nos diz que caminhemos *para* Deus, como se estivesse longe, esperando-nos no final de um longo caminho. Diz-nos que caminhemos *com Ele*. Ele acompanha-nos em tudo e interessa-se por tudo: o que pensamos, o que vemos, o que dizemos, o que desejamos: «Jesus Cristo que é Deus, que é Homem, entende-me e atende-me, porque é meu Irmão e meu Amigo»^[4].

Caminhar com Deus significa percorrer com Ele todos os acontecimentos, grandes e pequenos, da minha vida; falar de tudo com Ele, escutá-l'O em todo o momento; estar disposto a que me possa pedir coisas que não espero, ou a que me leve por caminhos que não imaginava. Quem caminha com um amigo está disposto a falar e a escutar. Assim caminhavam os discípulos de Emaús, apesar de não saberem até que ponto aquele desconhecido que os escutava com tanta atenção e lhes falava com tanta força era o seu Irmão e o seu Amigo. Não o sabiam, mas estavam a caminhar com Deus, e Deus estava a abrir-lhes horizontes unsuspeitados (Lc 24, 13-35). «Senhor, que grande és Tu sempre! Mas como ves-me quando Te rebaixas para nos acompanhares, para nos procurares na nossa lida diária. Senhor, concede-nos a ingenuidade de espírito, o olhar limpo, a mente clara, que permitem entender-Te, quando vens sem nenhum sinal externo da Tua glória»^[5].

Deus quer, além disso, que caminhemos com ele *humildemente*. Que significa isto? Sugere-nos Ele próprio numa das orações mais breves do saltério: «Senhor, o meu coração não é orgulhoso, nem os meus olhos são altivos. Não corro atrás de grandezas ou de coisas superiores a mim. Estou sossegado e tranquilo. Como criança saciada ao colo da mãe; a minha alma

é como uma criança saciada» (Sl 131, 1-2). Caminhar humildemente com Deus significa trabalhar sem aspirar a resultados ou êxitos que não dependem de mim, e que talvez não me correspondam; estar contente com o que tenho, com o que Deus me dá, com o que a vida me apresenta. E viver isso... intensamente. O paradoxo é que, se caminhamos humildemente com Deus, de facto faremos coisas muito maiores do que acreditávamos. «Não viste os fulgores do olhar de Jesus quando a pobre viúva deixou no Templo a sua pequena esmola? – Dá-Lhe tu o que puderes dar»^[6].

Dá a volta aos teus defeitos

«A graça, precisamente porque supõe a nossa natureza, não nos faz improvisamente super-homens», escreve o Papa. «Pretendê-lo seria confiar demasiado em nós próprios»^[7]. A fragilidade, as dificuldades, os equívocos, fazem claramente parte do caminho da vida. Admitir esta realidade não significa render-se ou resignar-se a pecar; trata-se simplesmente aceitar os nossos limites e os nossos tempos, e também os da realidade.

Mas o nosso orgulho não aceita tal coisa. O diabo também o sabe, e não se limita a tentar-nos para nos afastar de Deus: quando nos consegue seduzir, tenta ainda «fazer lenha da árvore caída»; serve-se dos nossos pecados ou da nossa fragilidade para nos desanimar, porque sabe que esse é um método eficaz para nos fazer abandonar a viagem. Por isso necessitamos de aprender a dar a volta às nossas quedas e misérias; ou seja, a tirar proveito e experiência delas. Isto pode parecer estranho, mas é um dos princípios mais importantes e fundamentais do crescimento na vida interior. Assim o entenderam desde há séculos os mestres de espiritualidade.

Há pessoas, escreve um deles, a quem «sucede habitualmente surpreenderem-se com as suas faltas, inquietarem-se, envergonharem-se; zangam-se consigo próprias e acabam por desanimar. São outros tantos efeitos do amor próprio, efeitos muito mais prejudiciais do que as próprias faltas»^[8]. A última frase é surpreendente. A vergonha, a inquietação e o desânimo em que nos podemos deixar cair ao ver os nossos limites faz-nos muito mal. Empurra-nos para longe de Deus, e predispõe-nos para o

pecado, que ironicamente é o que nos tinha desanimado em primeiro lugar. Trata-se, afinal, de um círculo vicioso que nos impede de nos reconciliarmos com Deus, de O olhar de frente e dizer-Lhe que estamos arrependidos e que queremos o Seu perdão.

Por vezes, o que nos pode acontecer é que não nos perdoemos a nós próprios. Apaixonamo-nos talvez mais pela nossa ideia de perfeição o que por Deus, e então falta-nos a humildade para recomeçar. «Nunca deves desanimar-te, por muitas vezes que caias; deves dizer a ti próprio: “Mesmo que caia vinte vezes, cem vezes ao dia, levantar-me-ei de novo, e seguirei o meu caminho”. Que importará, depois de tudo, que tenhas caído no caminho, se chegas ao final? Deus não te vai culpar»^[9]. O mais importante, portanto, é retomar o caminho voltando para Deus todas as vezes que for necessário. A contrição perante os nossos pecados pode converter-se num trampolim que nos impulsione novamente para Deus: «Que os tropeços e derrotas não nos afastem, nunca mais d’ Ele. Como a criança débil se lança compungida nos braços vigorosos do seu pai, tu e eu agarrar-nos-emos ao jugo de Jesus. Só essa contrição e essa humildade transformarão a nossa fraqueza humana em fortaleza divina»^[10].

Vive o presente

A única maneira de percorrer o nosso caminho é fazê-lo passo a passo. Ninguém sobe a uma montanha de um pulo, e menos ainda se se tratar de um cume a grande altitude: às vezes será necessária uma boa temporada de treino e de aclimação; e necessitaremos de fazer etapas, acampar, recuperar forças com o conforto de um equipamento bem escolhido, enquanto desfrutamos da conversa e da paisagem, variável em cada etapa. Em suma, precisamos de nos concentrar na nossa realidade mais imediata ou, dito de outro modo, viver no presente.

Viver no presente significa reconhecer o momento atual como o único no qual posso receber a graça de Deus e cumprir a Sua vontade. O inimigo também sabe isto demasiado bem, de modo que vai tentar afastar-nos o mais possível do nosso *aqui e agora*, angustiando-nos com um passado que nos dececiona ou com um futuro que nos inquieta; ou fazendo com que nos percamos em imaginações do que podia ter sido, ou o do que poderia ser. E

se conseguir algo de tudo isto, então já está a conseguir arrefecer o nosso amor, porque o amor só se conjuga no presente^[11].

Viver no presente não quer dizer ignorar o passado e o futuro, mas colocá-los no seu lugar. Estar em paz com o passado, reconciliados com Deus e com os outros... e também connosco próprios, pela aceitação de quem somos e de quem chegámos a ser. E estar em paz com o futuro, porque, apesar de Deus contar e vibrar com os nossos planos e projetos, quer-nos serenos. *In manibus tuis tempora mea*, diz outro salmo. Nas tuas mãos está o meu tempo, as minhas coisas (cf. Sl 31, 15). «Nas Tuas mãos abandono o passado e o presente e o futuro...»^[12], podemos rezar com São Josemaria. A aceitação e o abandono criam o clima necessário para viver o presente com serenidade e com intensidade.

A confiança no nosso Pai Deus leva-nos «a caminhar pela vida com a agilidade dos filhos de Deus, a raciocinar e decidir com a liberdade de filhos de Deus, a enfrentar a dor e o sofrimento com serenidade de filhos de Deus, a apreciar as coisas belas como um filho de Deus o faz»^[13]. Ter a agilidade de um filho de Deus é viver centrado no aqui e no agora, atento a fazer o que Ele quer de mim: trabalhar, descansar, rezar, consolar, rir... Há «um momento para tudo» (Ecl 3, 1), e o melhor modo de acertar é viver cada momento com o Senhor: «tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai» (Cl 3, 17). Se cultivarmos este diálogo constante com Deus, identificaremos mais facilmente aquilo que nos distrai e nos desvia do caminho: momentos de evasão no telefone ou na nossa imaginação, pensamentos obscuros, desorganização, «mística do oxalá»^[14]... Assim poderemos voltar mais facilmente a esse caminho experimentado e verdadeiro para a santidade, que consiste em fazer o que devo e estar no que faço^[15].

Viver o presente permite-nos agradecer o que temos e, por isso mesmo, desfrutar da vida. De novo, «a felicidade no Céu é para os que sabem ser felizes na terra»^[16]. A felicidade vem da consciência de que sou amado aqui e agora pelo meu Pai Deus e de que Ele me cumula de presentes em cada dia. Estar demasiado preocupados pelos nossos fracassos no passado ou pelos perigos do futuro incapacita-nos para perceber as coisas que nos são dadas no momento presente. Por isso é muito bom que dediquemos

tempo em cada dia, na nossa oração, talvez no nosso exame de consciência, à gratidão. Como é que Deus me amou hoje? Que coisas concretas posso agradecer-Lhe?

Persevera até ao final

«Pela vossa constância é que sereis salvos», diz-nos Jesus (Lc 21, 19). Chegar ao final do caminho é vital. Todos sonhamos em chegar a dizer como São Paulo: «Combati o bom combate, terminei a corrida, permaneci fiel» (2Tm 4, 7). Conseguir-lo-emos conservando a fé hoje, agora mesmo. Uma pessoa poderia sentir-se facilmente oprimida perante a perspectiva de ser fiel durante dez, vinte, quarenta, oitenta anos. Como posso estar seguro da minha fidelidade num caminho tão longo? Na realidade, não se trata de estar seguro de que não me afastarei de Deus durante as próximas décadas; trata-se de ser fiel a Nosso Senhor *hoje*, com a graça que Ele nos dá neste momento. É vivendo assim que percorreremos o caminho da vida até ao seu termo.

Nós, os cristãos, reconhecemos que «a vida é uma viagem, não um destino» como algo óbvio. Sabemos que a nossa vida não termina aqui e que, portanto, estes anos na terra não são o destino. E, ao mesmo tempo, sabemos que a nossa verdadeira vida, o nosso destino, já está aqui, em cada instante: a nossa vida está «escondida com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). Por isso, necessitamos que «a cabeça toque o céu, mas que os pés assentem na terra, com segurança»^[17]; necessitamos que se faça a Sua vontade «na terra como no céu». E então, assim, faremos «caminho ao andar»^[18]: cada passo que dermos fará o nosso caminho e o nosso destino.

John Paul Mitchell

NOTAS

[1] A citação costuma ser atribuída a Ralph Waldo Emerson, apesar de não existir uma referência escrita que o ateste.

[2] John Bingham, «Enjoy Your Journey» www.runnersworld.com.

[3] São Josemaria, *Forja*, n. 1005.

[4] *Ibid.*, *Forja*, n. 182.

[5] *Ibid.*, *Amigos de Deus*, n. 313.

[6] *Ibid.*, *Caminho*, n. 829.

[7] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 50.

[8] Jean-Nicolas Grou, *Manuel des âmes intérieures*, Lieja, 1851, p. 159. «O pior dos casos é que, como observa São Francisco de Sales, às vezes desanimamos e zangamo-nos por nos termos zangado, impacientamo-nos por nos termos impacientado. Que desastre! Não teríamos de ver nisso orgulho em estado puro?» (p. 160).

[9] *Ibid.*, p. 160s.

[10] São Josemaria, *Via-Sacra*, VII estação.

[11] cf. C. S. Lewis, *Vorazmente teu*, cap. 15 (Ed. Grifo). No original: *The Screwtape Letters – Letters form a senior to a junior devil* de C. S. Lewis.

[12] São Josemaria, *Via-Sacra*, VII estação, n. 3.

[13] Fernando Ocariz, Carta pastoral, 28/10/2020, n. 3.

[14] cf. São Josemaria, *Entrevistas a São Josemaria*, n. 88, 116.

[15] cf. *Ibid.*, *Caminho*, n. 815.

[16] *Ibid.*, *Forja*, n. 1005.

[17] *Ibid.*, *Amigos de Deus*, n. 75.

[18] «Caminante, no hay camino; se hace camino al andar» (A. Machado, *Campos de Castilla*, «Proverbios y cantares», XXIX. São Josemaria cita este verso na *Carta 6*, n. 75). (N.T. Utiliza-se a versão portuguesa mais aceite deste verso do autor)

Combate, proximidade, missão (3): Tudo é nosso...



3 - TUDO É NOSSO E TUDO É DE DEUS

Qualquer desporto requer esforço, mas gera um espaço de fruição e abre novas possibilidades. O mesmo acontece com a vida cristã: no meio do combate e da luta, é possível desfrutar com o Senhor, crescendo e enfrentando novos reptos com Ele.

«Agora sois nova criatura e estais revestido de Cristo. Esta veste branca seja para vós símbolo da dignidade cristã. Ajudado pela palavra e o exemplo da tua família, conservai-a imaculada até à vida eterna»^[1]. Desde há muito tempo que existe na Igreja a tradição de vestir de branco os novos batizados, para expressar visivelmente a alegria de se tornarem uma coisa com Cristo, de deixar que Ele viva em nós^[2]. A essa realidade precisa respondem também o nome e o próprio gesto do batismo: *baptizein* significa submergir, porque por este sacramento entramos na vida da Trindade, como uma esponja que entra na água e, sem deixar de ser ela própria, se torna uma coisa com esse novo meio. Produz-se assim «uma impregnação do ser de Deus e do nosso ser, um estar imerso no Deus Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, do mesmo modo como no matrimónio, por exemplo, duas pessoas se tornam uma só carne, se tornam uma nova e única realidade, com um novo e único nome»^[3]. A partir desse momento, cuidar desta vida nova converte-se numa tarefa diária, que requer um combate espiritual constante, como assinala a Escritura: «Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, prepara a tua alma para a provação. Endireita o teu coração, e sê constante, não te perturbes no tempo do infortúnio. Conserva-te unido a Ele e não te separe, para teres bom êxito no teu momento derradeiro» (Sir 2, 1-3).

Ponto de partida: Deus ama-nos sem condições

No nosso batismo, Deus disse-nos para sempre que nos ama tal como somos, aconteça o que acontecer. Esta convicção é o ponto de partida no itinerário interior; sem ela, estaríamos a correr pelo caminho errado, porque nesta corrida não se trata de merecer nada por nós próprios, nem de demonstrar nada a ninguém, mas de viver livremente, desfrutando do amor

de Deus. «Nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus nos tem», escreve São João (1Jo 4, 16). E que necessário é «deixar que estas verdades da nossa fé nos vão penetrando na alma, até transformarem toda a nossa vida. Deus ama-nos!»^[4].

Ao mesmo tempo, a graça de Deus não substitui o uso inteligente e perseverante das nossas forças: «A nossa santificação pessoal é um dom de Deus, embora o homem não possa permanecer passivo»^[5]. É verdade que, pela graça, a nossa vida tem um valor que excede as nossas possibilidades, mas a graça não se substitui à natureza: necessita de trabalhar... bailar! com ela. Poder-se-ia dizer que na nossa vida tudo é nosso e, ao mesmo tempo, tudo é de Deus. «Sobre a continuidade dos pequenos acontecimentos quotidianos, agradáveis ou penosos, previstos ou imprevistos, corre a série paralela das graças atuais, que em cada instante nos são oferecidas. (...) Pouco a pouco entre Ele e nós estabelecer-se-á uma conversa quase ininterrupta que será a verdadeira vida interior»^[6].

Assim sendo, resultaria redutor descrever essa vida que se desenvolve no coração do homem só com palavras como “luta” ou “combate”. Aquilo que, na perspectiva das resistências que encontramos dentro e fora de nós, surge como um combate, numa visão mais ampla pode descrever-se como atividade e movimento, como dinamismo e crescimento. Estes aspetos do crescimento de qualquer ser humano – que incluem a luta contra as ameaças ou as asperezas do ambiente como momentos desse próprio crescimento – expressam melhor a riqueza da vida espiritual.

Olhar a paisagem, não apenas o chão

Os alpinistas e os ciclistas de alta montanha sabem como é necessária a concentração no esforço e a dosagem das energias; daí que muitas vezes avancem olhando quase unicamente para o chão. Contudo, seria uma pena que essa concentração os impedisse de gozar do panorama que se abre à sua volta à medida que avançam. No combate espiritual, pode ocorrer-nos algo de semelhante: que nos fixemos demasiado no mal que queremos superar, ou que só vejamos o custo que exige conseguir algum bem. Por isso é sempre bom levantar o olhar para não perder de vista tudo o que estamos a ganhar no caminho.

«Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem» (Rm 12, 21), escreve São Paulo num versículo que São Josemaria às vezes resumia assim: «afogar o mal em abundância de bem»^[7]. O combate cristão não consiste tanto numa luta *contra* os pecados, mas num esforço *por* alimentar essa vida que nos foi entregue desde o nosso batismo. Por exemplo, se numa ocasião deixamos o melhor para os outros, podemos ver esta conquista como uma luta contra o egoísmo, ou como um exercício para não nos apegarmos a certas coisas; mas, melhor ainda, podemos vê-lo como uma luta *para* dilatar o coração, *para* crescer em amor, em generosidade, em desprendimento, etc. E isto não por um desejo individual de perfeição, mas porque, a partir do coração de Cristo, queremos viver para os outros.

Estas duas diferentes maneiras de abordar o combate cristão estão unidas também a dois modos de formular os propósitos de melhoria. Neste sentido, em vez de nos propormos “não voltar a fazer algo”, pode ser muito mais enriquecedor levantar o olhar, contemplar o horizonte, e afirmar o que queremos mesmo fazer. *In omnibus respice finem*, diz um adágio clássico: “em todas as coisas olha para o fim”; ou, numa formulação mais atual, “começa com o porquê”. Para viver com os olhos na meta é necessário muitas vezes distanciar-se da situação concreta, tomar tempo para refletir, para partilhar as nossas impressões com Deus. Então veremos melhor: dar-nos-emos conta de que não está em jogo apenas um propósito imediato, uma pequena batalha concreta, mas a nossa abertura à graça de Deus, a que Deus faça de nós outro Jesus, *alter Christus*.

Lutar é já amar

«Meus filhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e com verdade» (1Jo 3, 18). Ninguém se sente verdadeiramente querido quando o amor, afirmado com todo o tipo de declarações e promessas, é desmentido depois através dos factos. Por isso, com cada uma das nossas decisões respondemos àquela pergunta de Jesus a Pedro: «Simão, filho de João, amas-me?» (Jo 21, 16). A vida cristã – escrevia o prelado do Opus Dei – é «uma resposta livre, cheia de iniciativa e disponibilidade, a esta pergunta do Senhor»^[8]. Cada momento em que nos sobrepomos ao nosso egoísmo, cada esforço por crescer em tal ou tal virtude que nos permitirá servir melhor; cada vez que escolhemos a

humildade perante o nosso desejo de nos afirmarmos contra os outros, estamos a dizer sem palavras a Deus: quero-te mais.

«Este é o nosso destino na terra: lutar, por Amor, até ao último instante», escreveu São Josemaria uma vez, fazendo o balanço ao terminar o ano^[9]. Lutar por amor é muito mais do que simplesmente acrescentar à luta, de fora, um motivo de amor: «Enquanto falavas com o Senhor na tua oração, compreendeste com maior clareza que luta é sinónimo de Amor, e pediste-Lhe um Amor maior»^[10]. O combate espiritual é mais necessário do que a vitória porque «enquanto há luta, luta ascética, há vida interior. Isso é o que o Senhor nos pede: a vontade de querer amá-l’O com obras, nas coisas pequenas de cada dia»^[11]. E o que converte a luta em amor é a finalidade do combate: porque luto e para quem luto. Estas respostas moldam o próprio combate; convertem-se na própria base do seu desenvolvimento.

Ao ler as vidas de santos, é possível conseguir imaginar o combate espiritual como a luta de uns heróis que se esforçam até ao limite, enfrentando tarefas difíceis, que exigem uma grande força interior, uma valentia fora do normal. O santo apareceria assim como «uma espécie de “ginasta” da santidade, que realiza uns exercícios inacessíveis para as pessoas normais»^[12]. No entanto, esta impressão não capta o essencial do segredo dos santos; o que conta no final – e em cada momento do caminho – é o amor, a caridade, que vem de Deus. «Inclusive o martírio recebe a sua grandeza não de um ato de fortaleza, mas principalmente de uma heroica ação de maravilhosa caridade. Os três séculos de perseguição da primitiva Igreja foram certamente tempos de valor, de heroica fortaleza, mas ainda foram mais de ardente amor de Deus»^[13].

Às vezes, um excessivo desejo de segurança pode levar-nos a uma abordagem quantitativa da luta, pela qual mediríamos os nossos progressos, como quem enfrenta um plano de treino personalizado para melhorar a forma física. Certamente, é importante fazer propósitos de melhoria, superar-se em muitos aspetos, sacrificar coisas, mas tudo isso não é necessariamente um sinal do progresso que se pretende assegurar. A santidade, dizia São Josemaria, «não consiste em fazer coisas cada dia mais difíceis, mas em fazê-las cada dia com mais amor»^[14]. O que dá frutos

espirituais não é fazer coisas árduas, mas responder com amor a esse primeiro amor que Deus nos tem; santidade não significa que uma pessoa «faz coisas grandes por si mesma, mas que na sua vida aparecem realidades que ela não fez, porque apenas esteve disponível para deixar que Deus atuasse»^[15]. Por isso, porque tudo se inicia no querer gratuito de Deus, que nos deu o dom do batismo e da vida cristã em nós, podemos compreender o que nos diz a Sagrada Escritura: a santidade «não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso» (Rm 9, 16).

Saber que toda a obra de santidade se inicia com um impulso divino, que é Deus quem iniciou a sua obra e é Ele próprio quem a levará a termo: isso é o que marca a nossa compreensão da batalha espiritual. Nós não “ganhamos pontos” perante Deus, de modo que mereçamos o seu amor: Ele dá-se-nos continuamente, aconteça o que acontecer. «A Igreja ensinou repetidamente que não somos justificados pelas nossas obras ou pelos nossos esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa (...). A sua amizade supera-nos infinitamente, não pode ser comprada por nós com as nossas obras e só pode ser um dom da sua iniciativa de amor (...). Esta verdade, tal como o supremo mandamento do amor, deveria caracterizar o nosso estilo de vida, porque bebe do coração do Evangelho e convida-nos não só a aceitá-la com a mente, mas também a transformá-la numa alegria contagiosa»^[16].

Como um desporto

Por onde é melhor «começar e recomeçar»^[17]? Em que frente concreta da alma se inicia esta luta? A resposta mudará para cada pessoa, mas uma boa pista pode ser detetar qual é o nosso defeito mais recorrente, tendo em conta que costuma tratar-se de algo que tem íntima relação com o nosso modo de ser. Por exemplo, se somos muito fortes de temperamento, este modo de ser poderia com frequência degenerar em formas bruscas; ou se a nossa característica pessoal é a amabilidade, o principal defeito poderia ser a brandura ou a pusilanimidade. O combate focar-se-á em excluir, primeiro, tudo o que seja contrário ao amor de Deus – ou seja, o pecado mortal –, depois aquelas coisas que impedem que o nosso coração se abra para o Senhor e para os outros – ou seja, os pecados veniais – e, finalmente e

sempre, também as faltas de amor, a mediocridade. Todo um programa de vida que São Nicolau de Flüe condensou nuns poucos versos: «Meu Senhor e meu Deus, afasta de mim tudo o que me afasta de ti. Meu Senhor e meu Deus, dá-me tudo o que me aproxime de ti. Meu Senhor e meu Deus, livra-me de mim próprio, para me dar inteiramente a ti»^[18].

São Josemaria gostava de comparar esta luta com o desporto: «A luta ascética não é algo negativo nem, portanto, odioso, mas afirmação alegre. É um desporto»^[19]. Qualquer desporto requer esforço, mas gera um espaço de gozo: pela interação com outros, pelas novas vivências, pela alegria de superar-se... Do mesmo modo, com um pouco de treino podemos começar a *divertir-nos* com o Senhor no meio da luta espiritual. Assim, veremos nas dificuldades objetivas não apenas obstáculos, mas também oportunidades para o crescimento da nossa vida em Deus. Se aceitarmos as dificuldades como um desafio, incomodar-nos-ão muito menos. Mudará também o modo como olhamos para os que nos rodeiam, sobretudo aqueles com quem talvez temos menor afinidade: «Não digas: essa pessoa aborrece-me. – Pensa: essa pessoa santifica-me»^[20].

Um fator importante no treino desportivo é a constância. Não se conseguem grandes vitórias num só dia. Às vezes são precisas muitas tentativas. «O desportista insiste, o bom desportista passa muito tempo a treinar-se, a preparar-se. Se se trata de saltar, tenta-o uma e outra vez»^[21]. Os passos pequenos, com tenacidade e perseverança, conduzem finalmente ao sucesso. Neste sentido, costuma ser mais eficaz fazer propósitos pequenos e concretos, para os viver com constância, do que fazer grandes propósitos que muitas vezes deixaremos por cumprir. Além disso, nas batalhas da alma é necessário contar com o tempo, começar e recomeçar, refazer os propósitos com humildade e criatividade, todas as vezes que for necessário. Uma resposta de amor realiza-se discretamente ao longo de toda a vida.

Como no desporto, na vida espiritual também as derrotas formam parte do jogo. Mas, assim como há «mais alegria no céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de conversão» (Lc 15, 7), podemos pensar que com cada uma das nossas pequenas vitórias, ou com cada um dos nossos “recomeços”, o Senhor

alegra-se mais do que com tudo o que já nos corre bem. Apesar de nos faltar sempre muito por fazer, não deveríamos deixar de continuar depois de uma vitória. As vitórias saboreiam-se: cada passo em frente é um momento para dar graças a Deus, para ganhar novas forças. Também não podemos esquecer de que não estamos sós na nossa luta. Como os atletas, temos pessoas à nossa volta, colocadas por Deus, que nos ajudam a treinar-nos e a superar-nos. Podemos contar com os nossos irmãos e irmãs na fé, com a sua oração e com o seu apoio; com o de quem nos precedeu e nos ajuda no céu; com o do nosso anjo da guarda e o de Santa Maria.

Maria Schörghuber

NOTAS

[1] Ritual da celebração do batismo de crianças.

[2] cf. Rm 13, 14; Gl 2, 20.

[3] Bento XVI, *Lectio Divina*, 11/06/2012.

[4] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 144.

[5] *Ibid.*, n. 176.

[6] Reginald Garrigou-Lagrange, *Las tres edades de la vida interior*, Tomo I, p. 184ss.

[7] São Josemaria, *Sulco*, n. 864.

[8] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 5.

[9] São Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 83.

[10] *Ibid.*, *Sulco*, n. 158.

[11] *Ibid.*, *Via Sacra*, III estação.

[12] Joseph Ratzinger, “*Deixemos que Deus faça maravilhas*” (tradução do original em *L’Osservatore Romano*, 06/10/2002; disponível em www.opusdei.org).

[13] Reginald Garrigou-Lagrange, *Las tres edades de la vida interior*, Tomo I, p. 167.

[14] São Josemaria, Apontamentos da pregação (AGP, P10, n. 25), cit. por E. Burkhart e J. López, *Vida Cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. II, p. 295.

[15] Joseph Ratzinger, “*Deixemos que Deus faça maravilhas*”.

[16] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 52, 54, 55.

[17] São Josemaria costumava falar assim da vida interior; cf. por exemplo *Caminho*, n. 292; *Forja*, n. 384; *Cristo que passa*, n. 114.

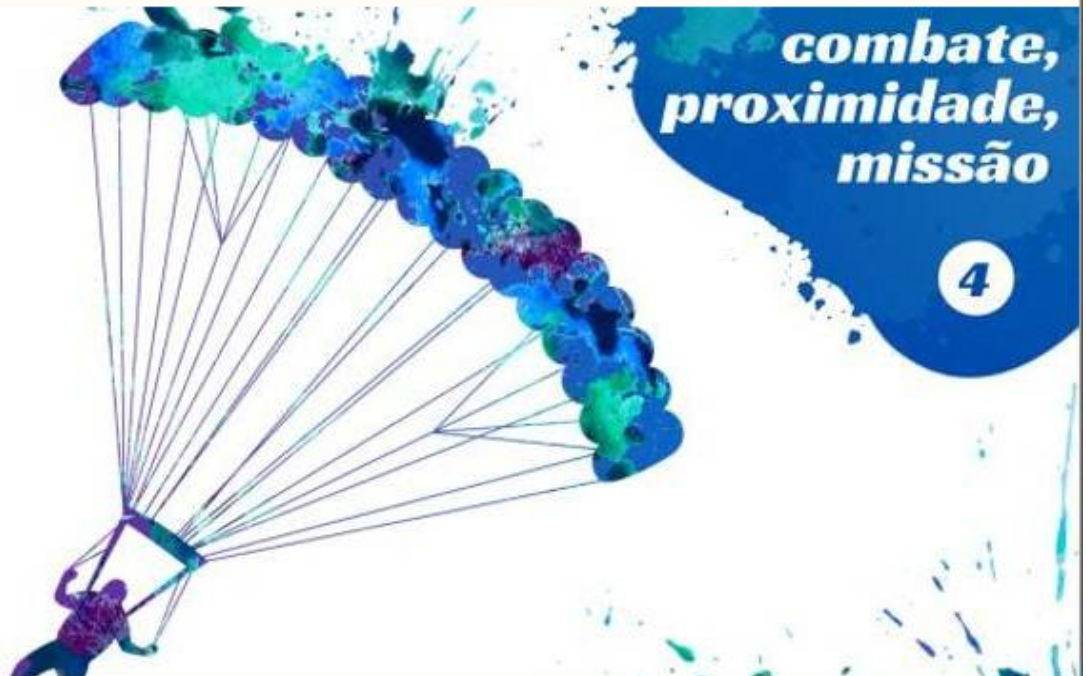
[18] Esta oração pode ser encontrada, por exemplo, integrada na que pronunciou São João Paulo II diante do túmulo do santo, a 14/06/1984. São Josemaria rezava com palavras semelhantes: «Afasta, Senhor, de mim o que me afaste de Ti!» (cf. Andrés Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, Rialp, Madrid, 2003, vol. 3, p. 462).

[19] São Josemaria, *Forja*, n. 169.

[20] *Ibid.*, *Caminho*, n. 174.

[21] *Ibid.*, *Em diálogo com o Senhor*, n. 32.

Combate, proximidade, missão (4): «Não ofendais...



4 - «NÃO OFENDAIS O ESPÍRITO SANTO»: A TIBIEZA

A tibieza é uma doença do coração, pela qual não gostamos das coisas de Deus e chegamos inclusive a convencer-nos que a vida, a verdadeira vida, está noutra lugar.

É uma das primeiras e mais célebres teofanias que encontramos na Bíblia. O anjo do Senhor aparece a Moisés no monte Horeb como uma grande chama de fogo no meio de uma sarça. «Moisés olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada. Moisés disse: “Vou adentrar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça”» (Ex 3, 2-3). Deus é Amor, uma chama de amor sempre nova, que não se esgota com o passar do tempo, para deixar atrás de si somente um pauzinho fumegante. O seu amor arde eternamente, dando calor e luz a quem se deixa abraçar por ele. Por isso, Deus disse a Moisés: «Eu sou aquele que sou» (Ex 3, 14). Ele é Amor, um amor fiel, e sempre vivo. E, ao criar-nos à sua imagem (cf. Gn 1, 27), destinou-nos a um amor como este: o nosso coração não é capaz de viver com menos. O nosso amor só pode ser um amor ardente, que se renova e cresce com o decorrer do tempo.

Talvez alguma vez tenhamos tido a experiência de regressar a uma casa onde tínhamos vivido há algum tempo: um lugar onde tínhamos amado, onde tínhamos dado e recebido carinho. Agora encontramos-la vazia e abandonada, talvez até em ruínas. Atravessa-nos no coração um lancinante sentimento de nostalgia, ao pensar como fomos felizes ali. Algo assim acontece quando os nossos amores arrefecem e se apagam. Dão pena. Um amor cheio de calor, que continha uma promessa eterna de alegria, um amor que era tudo..., e que, no entanto, se converteu em cinzas. Que pena! Expressava-o bem um famoso escritor: «Que terrível é quando uma pessoa diz: “amo-te” e da outra parte a pessoa grita: “O quê?”»^[1]. A tibieza é assim, um amor muito bonito na sua origem, um amor que antes alegrava o coração e enchia de luz a nossa vida, mas que se foi consumindo até quase se apagar: um amor que não resistiu ao passar do tempo.

Uma morte em câmara lenta

Para arrefecer, é necessário ter estado antes aceso, enamorado. Por isso a tibieza não é um risco para quem acaba de entregar o coração: o seu amor é ainda demasiado elementar, demasiado ingénuo. A tibieza é pelo contrário um perigo real para qualquer amor que está há algum tempo aceso. Não consiste numa morte repentina, mas numa doença que avança quase impercetivelmente: uma morte em câmara lenta, como a chamada «morte branca» dos alpinistas, mistura fatídica de frio e cansaço, na qual o corpo perde paulatinamente a sua reatividade e acaba por se entregar a um sono doce mas letal.

A reflexão sobre a tibieza surge desde muito cedo na história da Igreja. Nos séculos III e IV, Orígenes e Evágrio Pôntico falavam da *acédia*, um estado de desânimo e de preguiça da alma que não se apresenta nas primeiras horas do dia que é a vida, mas quando o sol já percorreu um bom troço e brilha alto no céu. Por isso, inspirando-se no salmo 91, falavam do «demónio do meio-dia»^[2]. Acédia (*akedia*) significa, literalmente, descuido, desleixo. Apesar de com o tempo alguns autores a distinguirem da tibieza (*tepiditas*), ambos os termos definem o mesmo panorama espiritual: um «arrefecimento da caridade, que se converte em abandono e preguiça»^[3], um desleixo que põe em risco a entrega, porque «*ipsa caritas vacare non potest*; o amor não pode estar ocioso»^[4], não pode ir de férias.

O beato Álvaro escreveu uma vez umas linhas especialmente enérgicas sobre o perigoso avanço da tibieza: «Com um olhar apagado para o bem e outro mais penetrante para o que lisonjeia o próprio eu, a vontade tibia acumula na alma resíduos e podridão de egoísmo e de soberba que, ao sedimentar, produzem um progressivo sabor carnal em todo o comportamento. Se não se combater esse mal, ganham força, cada vez com mais volume, os anseios mais infelizes, manchados por esses sedimentos de tibieza: e surge o desejo de compensações; a irritabilidade perante a mais pequena exigência ou sacrifício; as queixas por motivos banais; a conversa insubstancial ou muito centrada em si mesmo (...). Aparecem as faltas de mortificação e de sobriedade; despertam-se os sentidos com ataques violentos, diminui a caridade, e perde-se a vibração apostólica para falar de Deus com garra»^[5].

É o itinerário da tibieza. Pouco a pouco vai entrando na alma uma tristeza que ensombrece tudo: o que antes nos enchia o coração já não nos diz nada, e começamos a pensar de forma mundana. A tibieza produz uma distorção dos sentidos da alma, pela qual as coisas de Deus nos aborrecem; e chegamos inclusive a convencer-nos de que a vida, a verdadeira vida, está noutra lado. Com a sua própria experiência, escrevia Santo Agostinho: «não surpreende que para o paladar doente seja uma tortura até mesmo o pão, que é bom para o saudável, e que para os olhos doentes seja odiosa a luz, que para os puros é agradável»^[6].

Como se chega a esse estado? Como é que um amor vibrante pode arrefecer assim? Poder-se-ia dizer que na sua origem existe um desencanto com a vida, talvez devido a certas deceções e dificuldades, pelas quais se perdeu a ingenuidade e o fervor dos primeiros passos. Esse ponto de mudança pode passar relativamente despercebido, mas plasma-se na alma. Começamos a reduzir o tempo para Deus, porque o plano de vida é visto como uma acumulação de obrigações; deixamos de sonhar e de nos esforçarmos pela missão apostólica, talvez devido à hostilidade do ambiente, ou pelo desânimo ao ver poucos frutos. «Todos sabemos, por experiência, que às vezes uma tarefa não nos dá as satisfações que desejaríamos, os frutos são escassos e as mudanças são lentas, e vem-nos a tentação de se dar por cansado. Todavia, não é a mesma coisa quando alguém, por cansaço, baixa momentaneamente os braços e quando os baixa definitivamente dominado por um descontentamento crónico, por uma acédia que lhe mirra a alma»^[7]. Esse tipo de descontentamento faz com que, pouco a pouco, o coração arrefeça «pelo abandono, pela apatia, pela relutância na hora de examinar diariamente a própria conduta: hoje deixamos isto; amanhã, não damos importância àquilo, omitimos sem motivo uma mortificação, escapa-se-nos uma falta de sinceridade..., e vamo-nos habituando a essas coisas que desagradam a Deus, sem as converter, mediante o exame, em matéria de luta. Assim se empreende o caminho que conduz à tibieza, não o esqueceis. Pelas fissuras desse exame negligente entra o frio que acaba por gelar a alma»^[8].

Deus chama à porta do nosso coração

Nos primeiros compassos do Apocalipse há umas frases muito célebres, que podem surpreender pela sua dureza: «Conheço as tuas obras: não és frio nem quente. Quem dera que fosses frio ou quente. Mas porque és morno – e não és frio nem quente – estou prestes a vomitar-te da minha boca» (Ap 3, 15-16). As frases seguintes, talvez menos conhecidas, ajudam a entender o que Deus quer dizer com essas palavras duras. «Pois dizes: “Sou rico! Enriqueci e não preciso de nada”; e, no entanto, tu não sabes que és infeliz e miserável, pobre, cego e nu» (3, 17-18). A acumulação de qualificativos, que poderia dar a impressão de uma crueldade para com o túbio, permite-nos na realidade olhar para o coração de Deus. O Senhor fala-lhe com firmeza para o ajudar a compreender a sua situação, tão parecida à daquele homem da parábola do Evangelho que, depois de uma boa colheita, dizia: «Alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos: descansa, come, bebe e regala-te» (Lc 12, 19). O seu erro é que acumula para si em vez de ser «rico diante de Deus» (12, 21). Não percebe que está virado sobre si mesmo, e que assim vai direto à ruína.

Às palavras duras do Apocalipse sucedem-se outras cheias de cuidado paternal, que mostram como Deus não só não desespera de nós, como faz todos os possíveis para nos mudar o coração: «Aconselho-te a que de mim compres ouro refinado pelo fogo para que possas ser rico, vestes brancas para que te vistas e não se manifeste a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos e assim poderes ver. Eu repreendo e educo aqueles de quem sou amigo: sê, pois, zeloso e converte-te. Eis que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo» (Ap 3, 18-20). O Senhor quer tirar-nos desse estado lamentável; chama à porta da nossa alma, porque quer que voltemos à intimidade com ele... mas precisa que façamos a nossa parte, que ponhamos os meios para acender de novo o nosso amor.

Para prevenir e para curar a tibieza

«Agarrai-nos as raposas, essas raposas pequenas que destroem as vinhas; e as nossas vinhas estão em flor» (Ct 2, 15). A tibieza coalha na alma quando se perde a delicadeza com Deus, quando a confiança se converte em desleixo. É verdade, não podemos oferecer ao Senhor uma perfeição imaculada, mas podemos ser delicados e atentos com Ele. E desta

delicadeza forma parte também a contrição, quando nos damos conta de que o tratámos mal, ou de que nos faltou carinho. Por isso é preciso estarmos atentos às pequenas coisas, e despertar a contrição pelas nossas resistências ao amor, como são por exemplo omitir ou atrasar um tempo de oração por ativismo, chegar tarde ao jantar privilegiar as nossas coisas, adiar um serviço por preguiça, fazer má cara a uma pessoa... Os atos de contrição, também por estas coisas, inflamam a alma: permitem-nos recomeçar. «Sim, recomeçar. Eu – imagino que tu também – recomeço em cada dia, em cada hora, cada vez que faço um ato de contrição, recomeço»^[9].

Referimo-nos antes à necessidade de cuidar a atitude de exame, que supõe uma atitude sincera com Deus e connosco próprios^[10]. Daí surge por sua vez a sinceridade com aqueles que nos acompanham no nosso caminho para Deus; uma sinceridade cheia de docilidade, para deixar que nos exijam, e assim manter vivo o nosso amor. «A sinceridade e a tibieza são inimigos, e excluem-se. Por isso, quem é sincero, encontra a força de lutar e de sair do caminho perigosíssimo da tibieza»^[11].

O nosso amor a Deus também se mantém jovem e se renova partilhando-o com os outros. «Quando uma brasa não incendeia, é sinal de que está a arrefecer, de que já quase tudo é cinza»^[12], dizia São Josemaria numa ocasião. Com efeito, quando o coração não vibra com o desejo de que outros se possam aproximar de Deus e inclusive percorrer o nosso caminho, é que talvez nós tenhamos adormecido numa curva. Remédio para despertar: «Esquece-te de ti mesmo... Que a tua ambição seja a de não viver mais do que para os teus irmãos, para as almas, para a Igreja; numa palavra, para Deus»^[13].

A magnanimidade é também um grande antídoto contra a tibieza: dedicar o melhor, o mais precioso da nossa vida, ao Senhor. Conta-nos São João que, estando Jesus em Betânia, Maria «tomou uma libra de bálsamo de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e, com os seus cabelos, secou-lhe os pés. A casa encheu-se do odor do bálsamo» (Jo 12, 1-3). O melhor perfume, o nosso maior tesouro, o nosso melhor tempo, deve ser para o Senhor. É um sintoma errado, pelo contrário, que surjam em nós críticas como a de Judas, a quem tudo lhe parecia demasiado para Jesus: «Por que razão não se vendeu esse bálsamo por trezentos denários e se deu

aos pobres?» (Jo 12, 5). Judas de facto acabaria por vender o Mestre ao preço de um escravo... (cf. Mt 26, 15). Os pequenos ou não tão pequenos sacrifícios, derrotas, mortificações, inflamam-nos por dentro e afastam a tibieza. Recordam ao nosso coração que, mesmo com toda a sua fragilidade, é capaz de um amor grande: «Faz-me de neve, Senhor, / para os gozos humanos, / de argila para as tuas mãos, / de fogo para o teu amor»^[14].

Todos estes remédios poder-se-iam resumir com umas palavras comoventes de São Paulo: «não ofendais o Espírito Santo de Deus» (cf. Ef 4, 30). O Espírito Santo, que não descansa no seu empenho por formar Jesus em nós, necessita da nossa prontidão e da nossa docilidade às suas inspirações. Debaixo das suas asas, a nossa vida adquirirá esse sentido de missão que, desmarcando-se do cálculo e da mediocridade da tibieza, pode enchê-la de aventura: «Quem escolheu configurar com Jesus toda a existência já não escolhe os próprios locais, mas vai para onde é enviado; pronto a responder a quem o chama, já não escolhe sequer os tempos próprios. A casa onde habita não lhe pertence, porque a Igreja e o mundo são os espaços abertos da sua missão. O seu tesouro é colocar o Senhor no meio da vida, sem nada mais procurar para si (...). Feliz no Senhor, não se contenta com uma vida medíocre, mas arde em desejo de dar testemunho e alcançar aos outros; gosta de arriscar e sair, não forçado por sendas já traçadas, mas aberto e fiel às rotas indicadas pelo Espírito: contrário a deixar correr a vida, alegra-se por evangelizar»^[15].

* * *

Na vida da nossa Mãe não há mistura de tibieza. Se o fogo que faz arder a sarça simboliza a presença de Deus, o arbusto representa a pessoa de Maria Santíssima, que brilha sem se consumir pela presença do Espírito Santo, Fogo do Amor divino: «Estavas em brasa como o arbusto que foi mostrado a Moisés, e não ardias. Fundias-te e não te consumias (...). Fundida no fogo, recuperavas forças desse mesmo fogo, permanecendo sempre ardente»^[16]. A ela lhe pedimos que nos ajude a manter também sempre ardente o amor de Deus; que o amor a Santa Maria inflame o nosso coração «em lume vivo».

José Brage Tuñón

NOTAS

- [1] J. D. Salinger, *Levantad, carpinteros, la viga del tejado*, Edhasa, Barcelona, 1986, p. 80.
- [2] cf. E. Boland, «Tiédeur», *Dictionnaire de Spiritualité*, vol. 15, c. 918 ; cf. SI 91, 6: «Não temerás o terror na noite, nem a seta que voa de dia. Não temerás a peste que alastra nas trevas, nem o flagelo que devasta em pleno dia».
- [3] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelio*.
- [4] Santo Agostinho, *Enarrationes in Psalmos* 31, 5.
- [5] Beato Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 09/01/1980, n. 31 (*Cartas de Família* II, n. 275; AGP, biblioteca, P17).
- [6] Santo Agostinho, *Confesiones* 7, 16.22.
- [7] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 277.
- [8] Beato Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 08/12/1976, n. 8 (*Cartas de Família* II, n. 116; AGP, biblioteca, P17).
- [9] São Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, n. 12.
- [10] cf. São Josemaria, *Carta* 1, n. 34.
- [11] São Josemaria, *Instrucción* 8-XII-1941, nota 122.
- [12] São Josemaria, palavras recolhidas em *Crónica*, 1973, pp. 640-641 (AGP, biblioteca, P01).
- [13] São. Josemaria, *Sulco*, n. 630.
- [14] Ernestina. de Champourcin, *Presencia a oscuras*, Rialp, Madrid, 1952, p. 21.

[15] Francisco, *Homilia*, 30/07/2016.

[16] cf. Santo Amadeo de Lausanne, *Homilías marianas* (Sources Chrétiennes, 72), III, 313-317.

«Não te deixarei partir, enquanto não...



*combate,
proximidade,
missão*

5

5 - «NÃO TE DEIXAREI PARTIR, ENQUANTO NÃO ME ABENÇOARES»: A ORAÇÃO CONTEMPLATIVA

Quinto artigo da série “Combate, proximidade, missão”. Entrar em caminhos de contemplação significa tomar consciência de que precisamos de Deus, de que precisamos de “lutar” com Ele. E pedir-Lhe, uma e outra vez, a sua bênção: não Te deixo partir, enquanto não me abençoares.

Numa noite de Natal, enquanto celebrava a Santa Missa e tinha nas suas mãos a hóstia consagrada, São João Maria Vianney emocionou-se. Sorria, chorava, prolongava esses momentos sem tirar os olhos de Jesus. «Parecia que Lhe falava; depois, as lágrimas voltavam e, de novo, o sorriso», conta o Irmão Atanásio, que o observava com atenção. No final da celebração, perguntou-lhe o que tinha acontecido nesses momentos. O Cura d’Ars respondeu com simplicidade: «Tinha-me ocorrido uma ideia curiosa. Dizia a Nosso Senhor: “Se eu soubesse que ia ter a desgraça de não Te ver durante toda a eternidade, agora, que Te tenho nas minhas mãos, não Te largaria”»^[1].

«Encontrei aquele que o meu coração ama. Abracei-o e não o largarei», como diz a esposa do *Cântico dos Cânticos* (Ct 3, 4). São ecos das súplicas que Jacob dirigia ao desconhecido com quem tinha lutado toda a noite, enquanto se preparava para se encontrar com o seu irmão Esaú. «Ficou para trás sozinho. Então um homem lutou com ele até ao romper da aurora e, ao ver que não podia dominá-lo, atingiu-lhe a articulação da coxa, de modo que o tendão da coxa de Jacob se deslocou, enquanto lutava com ele. O homem disse-lhe: “Deixa-me ir, que já raiou a aurora”. Mas Jacob respondeu-lhe: “Não te deixarei, enquanto não me abençoares”. O homem perguntou-lhe: “Qual é o teu nome?”». O patriarca responde desarmado: «Jacob». E a personagem misteriosa: «Já não te chamarás Jacob, mas Israel, porque lutaste com Deus e com os homens e saíste vencedor». Jacob, dando-se conta da sua vulnerabilidade – porque disse o seu nome, mas não sabe o do seu opositor – pede ainda: «Rogo-te que me reveles o teu nome». E responde Deus: «“Porque queres saber o meu nome?”. E abençoou-o. Jacob deu àquele lugar o nome de Peniel, ‘porque – disse ele – vi a Deus

face a face e a minha vida foi salva'. Já nascia o sol, quando Jacob atravessou Penuel; e manquejava de uma coxa» (Gn 32, 25-32).

Diz-me alguma coisa, Jesus, diz-me alguma coisa

Cada vez que nos recolhemos para fazer um tempo de oração, e concretamente de oração contemplativa, entramos numa espécie de combate: «um corpo a corpo simbólico não com um Deus adversário, inimigo, mas com o Senhor que abençoa, que permanece sempre misterioso, que parece inalcançável. Por isso, o autor sagrado utiliza o símbolo da luta, que implica força de espírito, perseverança e tenacidade para alcançar aquilo que se deseja»^[2]. A oração contemplativa é «o *olhar* da fé, fixado em Jesus»^[3]; um olhar que O procura, que não cessa de o fazer, que não O larga até que nos abençoe, isto é, até que ilumine, com a luz do seu olhar, «os olhos do nosso coração»^[4].

Que procuramos no seu olhar? Os traços do seu rosto, os seus sentimentos, a sua paz, o fogo do seu coração. E, se nesses momentos de serenidade não nos é concedido o encontro que desejamos, estamos prontos a perseverar até que isso aconteça. «Não se faz contemplação quando se tem tempo; ao invés, arranja-se tempo para estar com o Senhor, com a firme determinação de não Lho retirar»^[5]. A contemplação é «um *dom*, uma graça, que só pode ser acolhida na humildade e na pobreza»^[6]. Precisamente por isso, Deus precisa da nossa perseverança, precisa que Lhe digamos: aqui Te tenho e aqui me tens... Não saio daqui, não vou a lado nenhum. «Diz-me alguma coisa, Jesus, diz-me alguma coisa», como São Josemaria repetia por vezes na sua oração^[7].

Personalizar

A misteriosa personagem que lutou com Jacob não tinha sido convocada. Apresentou-se por sua própria iniciativa. E assim continua a ser agora: é Deus que vem ao nosso encontro, porque «tem sede de que o homem tenha sede d'Ele»^[8]. É surpreendente, mas esta sede «brota das profundezas de Deus»^[9]: é tão grande e misteriosa como o amor que O levou a criar cada um e cada uma de nós.

Da nossa parte, temos simplesmente de nos pôr a pé firme diante d'Ele. O lugar do encontro não é apenas o âmbito dos afetos, nem sequer a imaginação ou a razão, mas o coração, «no mais profundo das nossas tendências psíquicas»^[10]. Trata-se de estar lá, de estar na sua presença, de permanecer no seu amor (cf. Jo 15, 9). Não embarcámos numa simples operação psicológica, nem num mero esforço de concentração para alcançar um vazio mental: não estamos a lutar contra o ar... A nossa contemplação tem a estrutura da fé cristã: é «um diálogo pessoal, íntimo e profundo entre o homem e Deus»^[11].

Não vamos, pois, lutar contra os visitantes inoportunos que chegam precisamente nesse momento. Em vez de tentar afugentá-los, o melhor método é, pura e simplesmente, ignorá-los. A sós com Cristo, tomando consciência de que Ele está totalmente voltado para mim e convidando-me a que também eu esteja totalmente disponível para Ele. Para o nosso *opositor*, não há minutos em branco; não tira os olhos de nós nem por um instante. Nós, sim, podemos afastar-nos, dar meia volta e abandoná-l'O. Mas perderíamos a sua bênção.

Jacob não tira os olhos d'Aquele com quem luta. Tem de se manter atento, sem desviar o contacto visual, sem perder a direção do seu coração. Olhar para o ecrã do telemóvel? Não; cortar-se-ia o âmbito do contacto interior. As distrações que vemos chegar, como tantas vezes acontece com todo o tipo de questões organizacionais, ou a curiosidade pelo que se passa à nossa volta? Não. E também não os pensamentos centrados em se estar à altura ou ser capaz, que podem ser um retorno subtil sobre nós próprios. Toda a nossa vida está centrada em Alguém, na «Pessoa de Jesus Cristo, a quem desejamos conhecer, com quem queremos ganhar intimidade e desejamos amar»; e pô-l'O «no centro da nossa vida significa meter-se mais na oração contemplativa»^[12]. A exigência é radical e cada vez mais abrangente. Deus abençoa quem luta pelo dom da contemplação, antecipação do dom da vida eterna, que já desde agora começamos a saborear. «A oração, que começou com essa ingenuidade pueril, desenvolve-se agora em canal largo, manso e seguro, porque acompanha a nossa amizade com Aquele que afirmou: “Eu sou o caminho”»^[13].

«A contemplação procura “Aquele que o meu coração ama” (Ct 1, 7) que é Jesus»^[14]. Alguém como eu, a quem posso tratar ao meu nível, porque Ele mesmo me chamou amigo (cf. Jo 15, 15). A oração contemplativa não o será verdadeiramente enquanto não houver personalização. «Para nos aproximarmos de Deus, temos de empreender o caminho certo, que é a Humanidade Santíssima de Cristo»^[15]. Jesus é a ponte que, através do corpóreo, nos leva ao divino. Essa «luta» corpo a corpo pressupõe um encontro de olhares, de sorrisos, de rostos e, sobretudo, de corações. Trata-se de nos apropriarmos do sentir do coração de Jesus, de aprender «o “conhecimento íntimo do Senhor” para mais O amar e seguir»^[16]. Como é que Ele se sente hoje comigo? Encontra harmonia, sintonia? Advirto e assumo as Suas alegrias e as Suas penas?

Na escuridão e nas provações

O combate trava-se de noite. É na noite que se move a fé: não temos outro meio para o encontro face a face. A nossa busca verifica-se na obscuridade, «na fé pura, esta fé que nos faz nascer d’Ele e viver n’Ele»^[17]. Nem o sentimento – se vem, bem-vindo; se vai, bem-ido –, nem sequer a razão pura, porque não estamos a fazer acrobacias mentais. O que acendemos é a fé numa pessoa viva que deseja o encontro. Na fé, não temos o imediatismo dos sentidos nem a clareza dos silogismos; caminhamos na penumbra até que chegue o momento da visão. Mas a obscuridade da fé permite-nos ver mais longe. De dia, o nosso olhar alcança algumas dezenas de quilómetros: detém-se no azul da atmosfera. Mas de noite vemos as estrelas, a milhões de anos-luz de distância. A fé descobre-nos mundos novos.

O combate contemplativo pressupõe também enfrentar o desânimo, a secura, o cansaço da fé, inclusive a tristeza de não nos entregarmos totalmente ao Senhor porque temos muitos bens (cf. Mc 10, 22); ou uma rebeldia interior contra a lógica de Deus, que às vezes nos parecerá tão diferente da nossa; ou mesmo a sugestão de que aquilo não é para nós, que não temos essa sensibilidade... Não estarei a cavalgar numa fantasia? Aonde vamos com isto? Não será uma abordagem demasiado mística? Neste momento, Jacob poderia ter deixado de lutar. De facto, não terá tido as suas hesitações enquanto lutava? Certamente que sim, mas continuou. É preciso

ir em frente com determinação e com alma de criança, sabendo que andamos por um caminho de amor, um caminho de confiança e de abandono.

Se a oração de meditação considera os meios, a contemplação considera o fim. Estamos com quem queríamos estar. Não consideramos agora as virtudes, nem os propósitos, nem as lutas... De tudo isso tratamos na meditação. O nosso tempo, o vazio do nosso tempo, é agora preenchido com a sua simples presença. Acende-se a esperança, o entusiasmo, a antecipação do céu. A medida do nosso céu será a medida do nosso desejo: a sede de Deus, a «ânsia de compreender as suas lágrimas, de ver o seu sorriso, o seu rosto...»^[18]. E é com este desejo, cheio de paz, que percorremos a vida quando entramos nos caminhos da contemplação: «Vivemos então como cativos, como prisioneiros. Enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro dos nossos erros e limitações, as tarefas próprias da nossa condição e do nosso ofício, a alma anseia escapar-se. Vai até Deus como o ferro atraído pela força do íman»^[19].

Jacob teve de caminhar longas jornadas até ao lugar onde Deus o encontraria. Aí não tinha acompanhantes: diz-nos a Bíblia que este episódio ocorre quando ele ficou sozinho. Também não tinha bagagem: acabara de passar tudo o que tinha para a outra margem (cf. Gn 32, 24-25). E é necessária «a noite», no sentido em que o intercâmbio pede recolhimento. Nesse momento, Jacob «já não domina a situação, a sua astúcia não serve para nada, já não é o estratega nem o homem calculista (...). Pela primeira vez, Jacob nada mais tem a apresentar a Deus a não ser a sua fragilidade e impotência, também os seus pecados»^[20]. Deus vem procurá-lo quando ele está sem defesas e livre de outras coisas que o distraiam. Porque, para contemplar, necessitamos da liberdade e da abertura do coração: nada mais que a percepção da nossa pequenez e o desejo do encontro. Aquele por quem esperamos não se apresentará se tivermos o coração ocupado. Nenhuma das nossas ânsias deve ser maior que a de estar com Ele.

Não te deixarei partir, enquanto não me abençoares

«Abençoa-me». O patriarca não se contenta com menos. Tem o seu Senhor agarrado, cativo. Mas, em que consiste essa bênção? Jacob tem a

alegria de ver Deus, e a sua alegria aumenta quando se apercebe de que, apesar de O ter visto, continua com vida. A bênção é a contemplação do rosto de Deus, que nos enche da Sua paz, da Sua alegria, da Sua misericórdia. Não poderemos consegui-lo por um ato da nossa vontade, mas abrindo o nosso coração aos dons do Espírito Santo. «Toda a nossa vida é como esta longa noite de luta e de oração, que deve ser consumida no desejo e na busca de uma bênção de Deus, a qual não pode ser arrebatada nem vencida contando apenas com as nossas forças, mas deve ser recebida d’Ele com humildade, como dom gratuito que permite, finalmente, reconhecer o rosto do Senhor»^[21].

Temos de esperar, pois, pacientemente. Jacob teve de esperar toda a noite até ao amanhecer. Não fugiu, não desistiu. A bênção ser-nos-á dada se a pedirmos uma e outra vez. Fazemos a nossa parte, buscando o silêncio, o recolhimento, a liberdade do coração... Cabe a Deus conceder os dons contemplativos: ciência, entendimento, sabedoria. Nós somos incapazes de nos exercitar neles... São atitudes *recetivas* que Ele dá quando quer. Temos de os pedir e esperá-los com humildade. O Senhor dar-no-los-á pouco a pouco, ou porventura de uma só vez. E quando recebermos essa bênção, seja a tragos ou a jorros, prosseguiremos o nosso caminho com os olhos postos na distância, porque essa bênção não é passageira, mas permanente. O patriarca pôs-se a caminho e... para onde foi? Isso é o menos importante. O importante é que já leva impresso na sua alma o rosto do seu Senhor. «Aquela bênção que o patriarca tinha pedido no início da luta é-lhe agora concedida. E não é a bênção obtida por meio de artifícios, mas a bênção concedida gratuitamente por Deus, que Jacob pode receber porque, estando sozinho, sem proteção, sem astúcias nem enganos, se entrega inerte, aceita a rendição e confessa a verdade sobre si mesmo»^[22].

«Vi Deus face a face e a minha vida foi salva», diz Jacob a si próprio. Ao longo desta estranha luta, foi conseguindo conhecer Quem tinha diante de si. Ao longo da nossa vida, com a nossa oração, vamos conseguindo conhecer Deus, compreendê-l’O ou, pelo menos, aceitar os Seus modos de atuar, mesmo sem os compreendermos. Gostaríamos de saber o seu nome: «Quem és Tu?». Gostaríamos de O ver. E Deus mostra-Se, mas esconde-Se, para que continuemos a procurá-l’O: para que vivamos d’Ele, para que vivamos dessa procura...

O desfecho deste relato misterioso é paradoxal, como o é quase sempre a nossa fé. Deus abençoa Jacob e felicita-o pela sua vitória, mas, afinal, deslocou-lhe o fémur. O patriarca combateu o bom combate, enfrentou o misterioso adversário sem vacilar. Mas, a partir de agora, caminhará coxeando: será uma espécie de condecoração que lhe recordará a batalha. «E é este Jacob que recebe a bênção de Deus, com a qual entra a coxear na Terra Prometida: vulnerável e vulnerado, mas com um coração novo»^[23]. Também nós sairemos feridos e renovados da batalha: as nossas seguranças terrenas serão deslocadas e seremos guiados pela marca de Deus. Ele abençoou-nos e continuará a abençoar-nos, mas torna-nos profundamente conscientes de que a nossa verdadeira segurança está n'Ele. E quanto mais rezamos, mais nos apercebemos de que precisamos d'Ele, de que precisamos de «lutar» com Ele. E mais Lhe pediremos a sua bênção: não Te deixarei, enquanto não me abençoares.

Ricardo Sada

NOTAS

[1] Francis Trochu, *O Cura d'Ars*, Ed. Cultor de Livros, S. Paulo (Brasil).

[2] Bento XVI, Audiência, 25/05/2011.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2715.

[4] *Ibid.*

[5] *Ibid.*, n. 2710.

[6] *Ibid.*, n. 2713.

[7] cf. *Apontamentos íntimos*, 12/12/1935, citado em Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá* (vol. I), Ed. Verbo, Lisboa 2002, p. 527.

[8] Santo Agostinho, *De diversis quaestionibus octoginta tribus* 64, 4; citado em *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2560.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2560.

[10] *Ibid.*, n. 2563.

[11] Dicastério para a Doutrina da Fé, Carta *Orationis formas* sobre alguns aspetos da meditação cristã, 15/10/1989, n. 3.

[12] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 14/02/2017, n. 8.

[13] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 306.

[14] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2709.

[15] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 299.

[16] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2715.

[17] *Ibid.*, n. 2709.

[18] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 310.

[19] *Ibid.*, n. 296.

[20] Francisco, Audiência, 10/06/2020.

[21] Bento XVI, Audiência, 25/05/2011.

[22] *Ibid.*

[23] Francisco, Audiência, 10/06/2020.